



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO EXTRAESCOLAR: NOVOS DESAFIOS
PARA A EDUCAÇÃO**

Thaís Pessoa Ramos

**Brasília/DF
2014**

Thaís Pessoa Ramos

**ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO EXTRAESCOLAR: NOVOS DESAFIOS
PARA A EDUCAÇÃO**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título **de Licenciado em Pedagogia**, à Comissão Examinadora da **Faculdade de Educação da Universidade de Brasília**, sob a orientação da professora Otilia Dantas.

**Brasília/DF
2014**

TERMO DE APROVAÇÃO

THAÍS PESSOA RAMOS

ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO EXTRAESCOLAR: NOVOS DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO

Trabalho Final de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas.

Banca Examinadora

Profa. Dra Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas (orientadora).
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Dra. Raquel de Almeida Moraes (examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Dra. Solange Alves de Oliveira Mendes (examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília-DF, 12 de dezembro de 2014

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ter me dado força e luz durante toda essa caminhada. Aos meus pais e familiares que sempre acreditaram em mim e me apoiaram em todas as circunstâncias. E a parceria da minha orientadora que foi muito importante nesse processo.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a Deus por me permitir essas realizações. Sem Ele tenho certeza que não iria até onde fui. Agradeço meus pais que sempre fizeram de tudo para que eu pudesse estudar e me mostraram a importância disso. Não posso esquecer de falar da minha família inteira que sempre me apoiou, motivou e acreditou em mim para alcançar meus objetivos. À Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, por ter sido um ambiente de imenso aprendizado e crescimento pessoal e profissional, também a cada professor que fez parte desse momento tão importante e especial para mim. E à minha professora orientadora, Otília Dantas, que, além de me orientar, foi uma parceira desde a monitoria de Didática, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação – PIBITI, no Projeto 3 e finalmente na monografia. Não tenho palavras para descrever a minha gratidão!

Obrigada a todos!

Sumário

Resumo	6
Apresentação	7
Parte I – Memorial Educativo	8
Parte II – Acompanhamento pedagógico extraescolar: novos desafios para a educação.....	14
Introdução	15
1. Panorama histórico da educação: a relação família e escola	19
1.1. A educação na comunidade primitiva	19
1.2. A educação do homem antigo	19
1.3. A educação do homem feudal	20
1.4. Educação Jesuítica e Pombalina	22
1.5. Do Renascimento até o século XVIII	24
1.6. Da Revolução Francesa à atualidade	24
1.7. Educação na contemporaneidade	26
2. Educação, função social da escola e outros conceitos	30
2.1. Reforço, acompanhamento e complemento escolar	31
2.2. O reforço escolar à luz das tendências pedagógicas.....	32
2.3. Ensino e aprendizagem	36
3. O acompanhamento pedagógico extraescolar: a empiria	40
3.1. Caracterização dos sujeitos da pesquisa.....	40
3.2. Análise dos questionários	41
Considerações finais	48
Perspectivas profissionais.....	50
Referências bibliográficas	50
Anexos	53

Resumo

Este trabalho propõe refletir sobre o trabalho pedagógico no âmbito dos suportes extraescolares – reforço, acompanhamento e complemento escolar. Tem como questões de estudo: qual o pensamento da família sobre a educação? O que eles levam em consideração no processo escolar dos filhos? Quais motivos os levam a procurar acompanhamento pedagógico fora da escola? O que os professores das escolas em que frequentam estes alunos pensam sobre o acompanhamento escolar? Os referenciais que embasam esta discussão estão pautados na teoria histórico-crítica de Saviani, Gasparin, Mészáros, dentre outros e na História da Educação de Ponce e Cambi. A metodologia pautou-se em estudos bibliográficos e empíricos, este realizado entrevistas abertas com estudantes, seus pais e professores, que recebem acompanhamento pedagógico extraescolar. Os professores são aqueles da escola regular que ensinam aos estudantes pesquisados. Os resultados demonstram que o *acompanhamento pedagógico* é uma prática valorizada pela família e pela escola por ter o caráter preventivo, de longo prazo, processual e de auxílio nas suas dificuldades escolares no intuito de educar o estudante para o clima e a cultura escolar, bem como na formação dos 4 pilares da educação (aprender a aprender, a fazer, a conviver e a ser).

Palavras-chave: Reforço escolar. Ensino. Aprendizagem. Educação.

Apresentação

Acompanhamento pedagógico extraescolar é o título deste Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia que ora concluo. Trata-se de um estudo desenvolvido durante a execução do curso o qual contribuiu significativamente para entender a importância e a função deste tema, bem como responder questões como: o que os pais levam em consideração no processo escolar dos filhos? Quais motivos os levam a procurar acompanhamento pedagógico fora da escola?

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está organizado em duas partes. Na primeira parte, pelo memorial, apresento recortes de minha história de vida os quais me iluminaram a alcançar o curso de Pedagogia, bem como o objeto de estudo: o acompanhamento pedagógico extraescolar.

Na segunda parte, trato do objeto acima descrito no intuito de refletir sobre o trabalho pedagógico no âmbito dos suportes extraescolares – reforço, acompanhamento e complemento escolar.

Para realizar o estudo, opto, em um primeiro momento, pelo estudo bibliográfico e, no segundo momento, por estudo empírico com um grupo de estudantes que se utilizam do acompanhamento extraescolar. Visando aprofundar a pesquisa, entrevistamos, também, os pais e professores destes estudantes investigados. O que se quis com esta pesquisa foi compreender a importância do acompanhamento pedagógico extraescolar, o que positivamente o estudo nos mostrou, desde que seja adequadamente realizado conforme abordaremos a seguir.

Sem mais delongas, convido o leitor a adentrar em minha pesquisa e me acompanhar nesta investida que teve como única intenção contribuir com esta temática e ajudar a uma pedagoga professora iniciante a perceber o sentido do acompanhamento pedagógico extraescolar no sentido de desmistificar este tipo de trabalho pedagógico pouco valorizado e erroneamente utilizado. Vamos lá!

Parte I – Memorial Educativo



Minha trajetória de vida

Entender minha escolha profissional e de vida é muito mais do que apenas fazer um memorial para conclusão de curso, é fazer uma autoanálise desses anos escolares todos para explicar meu percurso trilhado até o presente momento. Não foi uma tarefa simples, pois são várias marcas e várias pessoas importantes que contribuíram nessa trajetória nada fácil. Antes de falar sobre mim, preciso falar dos meus progenitores (figura 2), pois sem eles eu não chegaria nem perto do que cheguei hoje.

Figura 1. Meus progenitores



Fonte: da autora

Minha mãe parou de estudar no segundo ano do Ensino Médio, ela estudava no Elefante Branco do Cruzeiro Novo. Porém, quando tinha 35 anos, recém-separada do meu pai, voltou a estudar na EJA, terminando, assim, seus estudos. O que mais me orgulha é que ela não parou por aí: logo após concluiu uma graduação de Licenciatura em Português-Inglês. Meu pai parou de estudar ainda mais jovem, no Ensino Fundamental. Estudar não era muito sua preferência, tinha mais jeito para o comércio, se destacando nessa atividade.

Desde que eu me entendo por gente, meus pais sempre passavam para mim a importância dos estudos e o tanto que isso iria influenciar na minha vida. Não me esqueço do esforço que eles faziam para me matricular em escolas

particulares. Era quase, literalmente, tirar o “sal da janta” para pagar a mensalidade. Meus pais iam sempre no início de ano conversar com o diretor das escolas para conseguir desconto, porque eu tinha boas notas, mas sempre era uma tensão para eles e, conseqüentemente, para mim. Era até curioso porque havia ali, naquela relação, uma distância imensa entre minha condição econômica para as demais crianças. Hoje me lembro de uma colega que levou de lanche um prato do McDonald’s, algo que me chocou demais!

Sempre fui extremamente exigente comigo, “nerd” e muito preocupada com meus resultados, até por ver o tamanho do esforço que meus pais faziam para me manter em escola particular. Era uma criança muito independente, fazia as tarefas de casa, estudava para as provas e realizava os trabalhos sem que meus pais precisassem me mandar estudar.

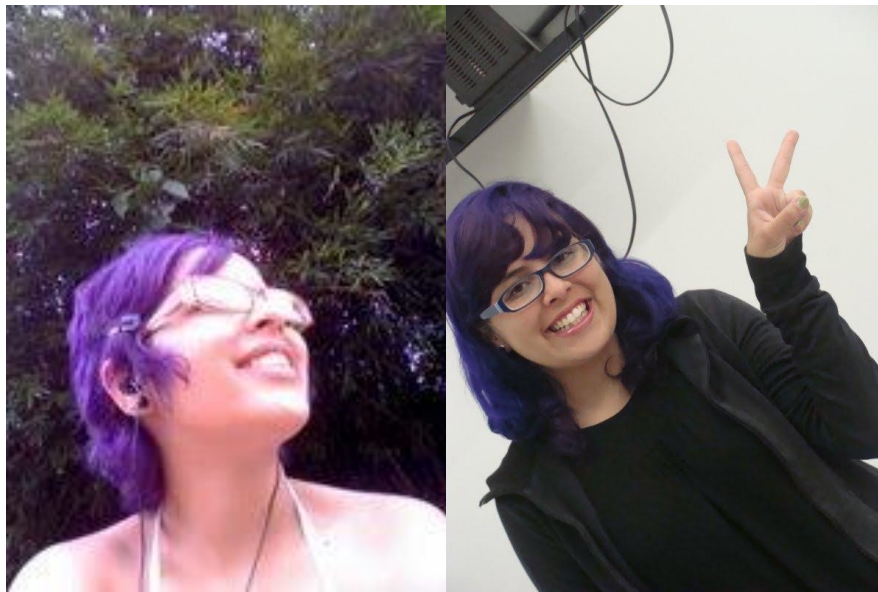
Em relação à exigência, era complicado. Às vezes notava que eu exigia muito de mim, mais do que minha própria família. É claro que eles sempre tiveram expectativas em relação a mim, mas a disciplina nos estudos era o meu forte. Lembro bem quando estava na primeira série, fazia aula de caligrafia e a professora aplicava uma sistemática de avaliação usando a temida “Tarja Rosa”. Ela fazia uma competição com os alunos da sala de aula: quem se saísse bem na caligrafia ganhava um superestojó, que era o sonho de consumo de todas as crianças na época, e o segundo lugar ganhava uma lapiseira que trocava as pontas. Nunca consegui ganhar o tal estojó, só a lapiseira, o que me marcou demais até hoje.

Fico pensando no sentido da educação para mim e como isso ecoa na escolha do meu tema da monografia que abordarei adiante sobre a importância do acompanhamento fora da escola, assim como reflexões a respeito da educação. Vejo hoje que, quando criança e até no início da adolescência, era apenas voltada para alcançar notas altas e ser aprovada. Hoje me questiono se o papel da educação se restringe apenas a isso e como reagem as crianças que têm dificuldades em atingir as exigências estabelecidas pela escola.

Em toda minha trajetória escolar nunca fui do grupo dos “populares”, sempre tive poucos amigos e a maioria eram homens. Éramos os estudiosos e

diferentes da escola, até pelo gosto musical diferente – rock – e pelo jeito de se vestir (figura 3). Algo que está muito presente em mim foi o fato que gostava muito da escola, desde criança até a adolescência, e isso influenciou muito minha escolha profissional de lecionar.

Figura 2. Meu jeito diferente de ser



Fonte: da autora

Quando entrei no Ensino Fundamental II (6º ao 9º anos), meu sonho surgiu: cursar o Ensino Superior na Universidade de Brasília. Sempre estudava pensando nesse objetivo, pois era muito importante para mim e para meus familiares. Na 7ª série, me apaixonei por História, graças a um professor que nos fez enxergar com outros olhos a disciplina. Essa minha paixão perdurou até o Ensino Médio, no momento em que eu deveria fazer minha grande escolha: qual curso iria escolher como opção no PAS – Programa de Avaliação Seriada?

Figura 3. Estágio na Universidade Corporativa dos Correios



Fonte: da autora

No segundo ano do Ensino Médio, decidi fazer estágio (figura 4). Foi um momento de grande amadurecimento pessoal. Afinal, fazer estágio na Universidade Corporativa dos Correios não era moleza! Amei cada momento dessa experiência e cada dia em que ia trabalhar e na saída colocava minha blusa preta e maquiagem de “roqueira”, pois eu não poderia trabalhar assim, não é? Estava crescendo e nem me dava conta desse fato...

Infelizmente, quando entrei no terceiro ano decidi sair do estágio para me dedicar mais ao meu grande objetivo – entrar no Ensino Superior. Foi bem ruim ter saído, mas iria valer a pena, pois foi um ano de muita produtividade. Quase todos os dias, no horário contrário, permanecia na escola para uma espécie de acompanhamento oferecido pela escola, sempre para estudar, principalmente exatas, que era minha maior dificuldade. Fazia milhões de resumos e exercícios. Também fiz cursinho graças à ajuda da minha tia e madrinha, Ariadne.

Quando chegou o momento da escolha do curso, fiz uma tabelinha com os que mais tinha afinidade, claro, todos de licenciatura. As opções eram: História, Filosofia, Artes Cênicas, Sociologia e Pedagogia. Calculei as possíveis notas com os pontos que havia acumulado nas outras etapas do PAS. Como tive receio de não ser aprovada na minha paixão maior, História, decidi me inscrever em

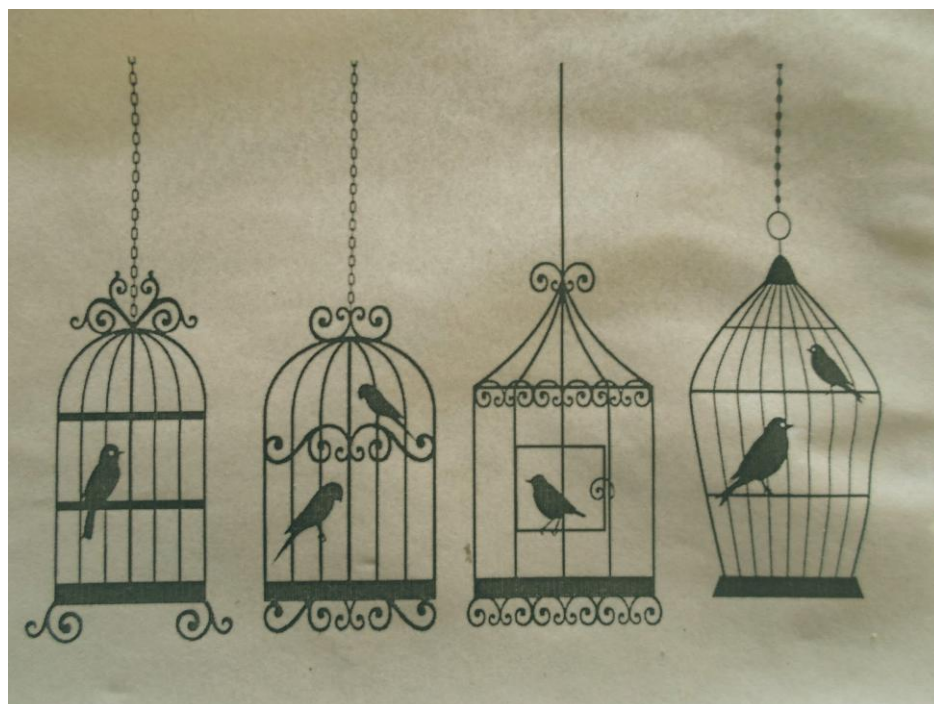
Pedagogia, mas devo admitir que não tinha nem ideia da dimensão do curso, do que era de fato!

Quando saiu o resultado do meu PAS fui à UnB ver o resultado na parede. E a surpresa: passei! Foi um dos momentos mais importantes da minha vida, muito especial e significativo. Minha família ficou muito feliz, afinal, era a primeira pessoa que havia sido aprovada em uma universidade pública! Meu avô até guardou o jornal com meu nome. Foi muito emocionante para mim.

Ao entrar na Universidade, já comecei a dar aulas de reforço para ajudar nas minhas despesas. Mal sabia que essa escolha iria me render muitos frutos acadêmicos e profissionais. A partir daí comecei a querer compreender os processos envolvidos na dificuldade de aprendizagem dos alunos, os motivos pelos quais os pais procuram esse auxílio extraescolar e como isso tudo tem relação com minha própria história de vida. Esse foi o grande motivador desta monografia.

Hoje em dia vejo que o curso de Pedagogia me fez crescer muito profissional e pessoalmente. Observando todo meu percurso até o atual momento, tudo vem se mostrando ter uma conexão com a minha escolha profissional. Trata-se de algo que está para além do que imaginava, ou não imaginava. Foi um momento de muito aprendizado para mim e é claro que só devo agradecer a todos que estiveram comigo ao longo desse tempo todo, e, principalmente, a Deus e à minha família, pois sem eles eu não teria conseguido nem dar o primeiro passo e ir a rumo à minha graduação. Sinto que trilhar esse caminho me fez amadurecer e me dedicar a investigar, enquanto Pedagoga, o reforço pedagógico extraescolar como um mediador da aprendizagem.

Parte II – Acompanhamento pedagógico extraescolar: novos desafios para a educação



Introdução

A pesquisa surgiu da nossa inquietação em entender o que pensam os pais, professores e alunos a respeito do acompanhamento pedagógico extraescolar e quais os motivos que tanto procuram este suporte pedagógico extraescolar para seus filhos.

Assim, me questionava: qual o sentido da educação para a família? O que eles levam em consideração no processo escolar dos filhos? Quais motivos os levam a procurar acompanhamento pedagógico fora da escola?

Desse modo, desenvolvemos esta pesquisa com a finalidade de compreender os motivos que levam os pais a buscarem acompanhamento pedagógico para seus filhos fora da escola, entender como eles orientam o processo escolar de seus filhos e o que pensam sobre os processos de ensino e aprendizagem que influenciam a trajetória escolar deles. Do ponto de vista pedagógico, esta pesquisa, tem como objetivo geral refletir sobre o trabalho pedagógico no âmbito dos suportes extraescolares – reforço, acompanhamento e complemento escolar.

São várias hipóteses traçadas ao longo desse trabalho. Uma delas é que muitos pais tomam como propósito para a educação de seus filhos as elevadas notas e a sua posição de destaque na turma. Quando isso não ocorre, os pais identificam essa situação como um problema, levando-o ao suporte pedagógico extraclasse, transferindo, no nosso entender, a sua responsabilidade para o reforço extraescolar. Destaca-se, também, a falta de tempo dos pais para auxiliarem os filhos nas atividades rotineiras que a escola propõe.

Essa mentalidade dos pais revela um pensamento anacrônico em relação aos papéis sociais da escola, que visa bons resultados finais no boletim sem refletir sobre o “que é” e “para que serve” a educação na vida do indivíduo em formação, pensamento esse que revela a antiga concepção de educação voltada para a legitimação dos ideais dominantes.

Por outro lado, o ambiente escolar, para muitos alunos, é visto como um lugar ruim, uma obrigação cansativa e sem benefícios explícitos. A escola não

parece convidativa ao aluno, o que causa desinteresse. A sociedade, por sua vez, acaba sendo coercitiva com as crianças no seu processo educativo, almejando sempre êxito na repetição diária dos conteúdos ministrados sem a reflexão destes.

Diferentemente deste ponto de vista, encontramos em Vygotsky (apud PRESTES, 2012) um argumento que, ao nosso entendimento, retrata o que buscamos defender neste trabalho: a nova educação tem como proposta a formação de um novo homem, ou seja, um homem crítico, autônomo e criativo. Enfim, um homem emancipado.

Vale salientar que o estudo ora realizado parte do princípio de que a educação deve levar o homem à emancipação, não almejando, unicamente, notas elevadas e sucesso em um sistema de avaliação que não abrange adequadamente todos os conhecimentos, habilidades e competências do educando. É preciso haver uma revolução no cotidiano dos educandos, na mentalidade das famílias e em todo o sistema de ensino para que se possa enxergar o mundo concreto e a real/justa função da educação capaz de tornar o homem consciente do seu papel na sociedade em que vive.

Para entendermos o ensino e a aprendizagem não apenas como práticas próprias da escola formal, devemos compreender que a própria vida educa em um processo contínuo e natural. É necessário existir um intercâmbio entre a educação escolar e a vida fora dos muros das instituições de ensino. Só assim será possibilitada a emancipação do homem.

Segundo Mészáros (2008), a educação não deve qualificar o homem para o mercado de trabalho, e, sim, para a vida, o que nos leva a pensar no papel que ocupa a escola na concepção de diversos pais, um local que prepara seu filho para o vestibular em prol de qualificá-lo na profissão escolhida. Consequentemente, os pais acabam incutindo nos filhos, desde cedo, um discurso hegemônico de educação – “você tem que passar no vestibular” –, desconsiderando completamente que a educação de um indivíduo para a vida não se restringe apenas em notas, que prepara para fazer uma prova de vestibular e conquistas quantitativas.

Uma visão que persiste é de que o responsável direto pela educação dos alunos é o professor. Os pais incumbem essa tarefa à escola, acreditando que a educação formal possui apenas uma face, negligenciando seu papel (que deveria ser ativo) na formação do educando. É cediço que o processo de formação do aluno não depende unicamente da escola: a tríade família-aluno-escola deve ter papel de destaque na mediação entre estudante e sociedade.

Não podemos negar que entre diversas variáveis envolvidas na questão do acompanhamento escolar extraclasse, a relação professor-aluno desempenha um papel importante para o sucesso escolar. Para Vygotsky (2003), o aluno se autoeduca quando ele aprende a ser autônomo no aprendizado mediado pela escola. Cabe ao professor ensinar pela mediação, despertando desejos e habilidades para que o aluno construa seus próprios conhecimentos num trabalho processual e contínuo. Para valer-se dos conteúdos, é necessária a ação direta do educando na sua trajetória de aprendizagem. O aluno passa a ser questionador e curioso; o professor serve, como já mencionado, de mediador, pelo ensino, da aprendizagem do estudante.

O professor tem um importante papel: ser um organizador do ambiente social (escolar), um mediador, não sendo apenas um detentor/reprodutor de conhecimento. Ele deve incentivar seus alunos a se entusiasmarem com o aprender, valorizando a autonomia para o aprendizado. O professor organiza as ideias para partir em busca de um aprendizado mais amplo, pois é preciso orientar os alunos com os saberes que eles ainda não têm ancorados.

Ainda de acordo com Vygotsky citado por Rodrigues (2007), só a vida educa, pois nela o processo de aprendizagem é dinâmico. A escola fechou-se à vida cotidiana fazendo com que o que se aprende ali não tenha sentido, significado ou utilidade para o aluno. O trabalho do pedagogo tem que ser vinculado ao seu trabalho social criativo e sempre relacionado à vida, ou seja, à formação integral do homem. É pela educação que o homem se transforma, modificando, também, as formas de entender e ver o mundo ao seu redor.

Neste sentido, nos propomos a investigar este tema partindo do princípio que o caráter criativo do processo pedagógico emerge se o homem não for um

mero reprodutor, mas um sujeito crítico modificando sua forma de ver a vida, promovendo a autonomia e emancipação do homem.

Nos capítulos que se seguem, retrataremos na história da educação a influência das famílias na formação intelectual dos seus filhos (capítulo 1), refletiremos sobre os conceitos que fundamentam este trabalho, bem como o papel social da escola (capítulo 2) e como estes educadores (pais e professores) interpretam e valorizam o reforço extraescolar (capítulo 3). Este último capítulo trata de um estudo empírico com um grupo de pais, professores e alunos que se utilizam do reforço extraescolar. Este é o nosso propósito.

1. Panorama histórico da educação: a relação família e escola

No intuito de entender, ao longo da história, o significado que a família dá a educação de seus filhos, este capítulo pretende apresentar, brevemente, o tratamento dado pelas famílias acerca da educação dos filhos. Neste sentido, buscamos na história da educação alguns sinais deste fenômeno considerando os estudos críticos de Aníbal Ponce (1995).

1.1. A educação na comunidade primitiva

Na *comunidade primitiva*, as pessoas viviam em um comunismo tribal – a propriedade de terra era comum a todos –, unidas por laços de sangue. A mulher e as crianças exerciam um papel igualitário ao dos homens. Não havia desenvolvimento tecnológico nem acumulação de bens. O desenvolvimento dessa sociedade era mínimo, pois ainda não haviam dominado a natureza. Sua estrutura social era homogênea, sem classes, e seus interesses eram comuns a todos, não havendo diferenciações ou propriedade privada.

Os processos de ensino e aprendizagem apresentavam-se espontâneos e naturais, pois não existia qualquer sinal de escola. Aprendia-se por meio de crenças, costumes, comportamentos e linguagem passados pelos adultos às crianças e jovens – a vida que os ensinavam. As mulheres se responsabilizavam pela educação das meninas e os homens pela educação dos meninos. Assim, o conhecimento era transmitido hereditariamente.

1.2. A educação do homem antigo

Nesta sociedade, o homem se apresenta diferente daquele primitivo. A posse de terras e o poder bélico transformaram-no num guerreiro altamente competitivo. A educação espartana era voltada para formar guerreiros estimulando as virtudes da nobreza armada e ensinando, desde criança, o manejo das armas para conter a classe dominada, reforçando a ideia de dominação.

Com o desenvolvimento das tecnologias, a produção não ficou restrita apenas ao consumo da população local, passando a existir os excedentes, os quais seriam comercializados. Paralelamente a essa nova situação econômica, a sociedade veio trazendo mudanças. Agora o dono da terra ficava em seu “ócio” enquanto seus escravos faziam o trabalho braçal para a produção dos bens.

Não muito diferente de Atenas, com desigualdades entre as classes, a educação era voltada para o militarismo com uma disciplina menos pesada do que em Atenas. Sob a orientação de um escravo – pedagogo –, o ideal da educação grega era também formar homens da classe dirigente com aulas de oratória, filosofia, arte e literatura. Não incumbia ao Estado a gerência dos ginásios, mas a regulamentação do tipo de educação que a criança deveria receber da família e da escola.

Em Roma, no início da República, não havia muita diferenciação entre dono da terra e seus servidores, pois ambos trabalhavam cultivando a mesma terra. O filho do proprietário aprendia os ofícios na observação do trabalho com seu pai. Um nobre romano deveria possuir conhecimentos da agricultura, guerra e política, e sua instrução ficava a cargo de um escravo letrado. A oratória era bastante valorizada.

As propriedades rurais foram aumentando e com elas também cresceram o número de escravos, modificando a relação entre dono da terra e trabalhador braçal, levando ao desprezo pelo trabalho e a valorização do “ócio digno”.

Conforme mudava a sociedade, mudava, também, a educação organizada em níveis primário, médio e superior. Era um ensino a cargo do Estado para formar futuros funcionários possuidores de conhecimentos em filosofia e oratória para conter a grande população. A instrução era exclusividade da elite.

1.3. A educação do homem feudal

A economia no feudalismo era basicamente sustentada pela agricultura, havendo o sistema de trocas. Com as técnicas de cultivo ainda bastante rudimentares, não existia a alta produção com grande comercialização dos bens produzidos. No regime feudal, na relação entre servo e o senhor feudal, o

primeiro fixava-se na terra dos descendentes dos antigos colonos romanos e em troca oferecia seu trabalho e parte da produção. A condição do servo era ligada a terra e ao seu senhor, não podendo abandonar em qualquer momento seu serviço.

A Igreja assumiu a educação feudal no lugar das escolas “pagãs”, típicas da antiguidade. Notadamente, os monastérios assumiram a função de escola, constituindo-a em duas categorias: *escola para oblatas*, destinadas à instrução de futuros monges, e as *escolas monásticas*, destinadas à plebe, não com o objetivo do ensino, e sim de mantê-la sob o controle da Igreja. Deste modo, não lhe cabia aprender a ler e escrever, pois sua função era, unicamente, arar os campos dos senhores e servir à Igreja. Havia, ainda, as *escolas externas* (fora dos muros dos conventos), em que os nobres e os clérigos seculares se instruíam sem, no entanto, fazer parte efetivamente do corpo da Igreja.

A partir do século XI, as cidades passaram a desempenhar novos papéis, deixando de lado a função de vilas, transformando-se em centros de trocas comerciais. Com isso surge uma nova classe, os *burgueses*, que nem produziam, nem eram nobres e nem faziam parte do clero, mas viviam do comércio, vislumbrando as transformações econômicas que viriam a acontecer. Vale ressaltar que a burguesia não estava ainda propondo revoluções e mudanças bruscas, mas apenas se encaixando no modelo feudal vigente. A escola era exclusividade dos nobres, tendo acesso, em seguida, a burguesia. Ao mesmo tempo em que ocorria a mudança econômica, a escola também mudava, saindo do controle dos monges e passando às mãos do clero secular. As *escolas catedralícias* não eram muito diferentes das monásticas, pois o foco ainda era a teologia.

Influenciada pela burguesia recém-nascida, surge a *universidade*, ainda na escola catedralícia, uma reunião livre de homens para debater sobre as ciências. Com a criação das universidades, a burguesia passou a ter mais privilégios, anteriormente negados pelo clero e pela nobreza. Após a criação das universidades, a burguesia em ascensão estendeu sua influência também sobre as escolas primárias, mantendo o caráter exclusivo para os privilegiados – clero,

nobreza e agora os burgueses. O ensino ministrado nessas escolas era tradicional, com aulas de latim. Com o passar do tempo foram incluídas a aritmética e a geografia, conteúdos anteriormente desvalorizados pela Igreja, e tornando o latim, secundário.

A elite educava seus filhos como se fossem adultos em miniatura. Neste sentido, o afeto era subsumido e as obrigações de adultos eram reforçadas de modo que as crianças se afastavam das famílias, passando a viver em colégios internos durante longo tempo. Os filhos da pobreza, sem ter acesso à escola/instrução, eram deixados à sorte do destino, servindo de mão de obra junto com seus pais.

1.4. Educação Jesuítica e Pombalina

O movimento educacional da Idade Moderna atingiu o Brasil, pois neste momento os portugueses iniciavam nossa colonização. A Companhia de Jesus foi fundada em 1540 por Inácio de Loyola e chegou ao Brasil em 1549 no contexto da Contra Reforma da Igreja Católica na Europa. Vieram para a colônia o governador-geral, Tomé de Sousa, juntamente com o padre Manoel de Nóbrega e outros padres. Havia a intenção de, combatendo as novas religiões que surgiram na Europa, fortalecer a fé católica e difundir suas raízes pelo mundo. Seu maior propósito foi converter os índios e dar o apoio religioso aos colonos na construção e consolidação do catolicismo brasileiro. Paralelamente a esses objetivos, a Companhia funda os Colégios e os Aldeamentos, com o fito de educar os filhos da elite colonial (senhores de engenho, por exemplo) e controlar os indígenas para ensiná-los a fé católica e os ofícios.

Nos Colégios, era ensinado o canto, aprendizado para o trabalho de administração da colônia, catequese, tradição e valores cristãos. O ensino era dividido nos graus elementar (ler, escrever e contar), humanidades (havia em maior número), artes e ciências, filosofia (para quem iria continuar os estudos na Universidade de Coimbra) e teologia (voltado para a formação de padres). A educação era destinada exclusivamente para os homens, pois o papel da mulher era administrar a casa, cuidar do marido, dos filhos e dos afazeres domésticos.

Em Portugal, na terceira quadra do século XVIII, várias transformações estavam ocorrendo sob a influência do Iluminismo, e esta nova mentalidade passou a se consolidar. A preocupação em melhorar a economia portuguesa veio com a emergência de o Estado ter maior controle sobre todas as questões, inclusive na educação. E com essas mudanças, a Companhia de Jesus não estava proporcionando o progresso português, pois não considerava a razão – ideal Iluminista –, que seria a base para o crescimento de Portugal.

Então, com esse contexto, os jesuítas foram expulsos do Brasil em 1759, após duzentos anos de permanência. Em 1750, Sebastião José de Carvalho e Mello, mais tarde conhecido como Marquês de Pombal, foi nomeado Ministro do Rei no Brasil. A política pombalina consistia em ampliar o poder do Estado e, com isso, diminuir a influência da Igreja Católica no campo da educação. Pombal fez reformas no ensino do Brasil, se tornando o pioneiro na implantação de escolas públicas. Sua reforma foi realizada nos Estudos Menores – Ensino Primário e Secundário – e nos Estudos Maiores, nas universidades.

Nos Estudos Menores foram implantadas as aulas régias, ou aulas avulsas, que se destinavam ao estudo das humanidades regidas pelo Estado e não mais pela Igreja. As aulas régias eram autônomas, dadas de forma isolada e fragmentada, em que era destinado um professor exclusivo para ministrar uma determinada matéria. Era basicamente um preparatório para a continuidade dos estudos na Europa, ou seja, os Estudos Maiores, geralmente realizados na Universidade de Coimbra.

Cabia ao rei a nomeação dos professores. Em 1772, foi criado o Subsídio Literário, imposto que taxava o vinho, cachaça e a carne para a manutenção das aulas isoladas. As aulas continuavam destinadas às elites coloniais, sendo ministradas nos antigos prédios dos jesuítas ou até mesmo na casa dos próprios professores. Nas aulas régias estudava-se também latim, grego, filosofia e retórica. Foi criado o cargo de diretor-geral dos estudos, para melhor organizar o sistema, administrar as escolas e aplicar exames para o provimento de professores. Com isso, a educação estava se encaminhando para a sua

secularização, não sendo controlada exclusivamente pela Igreja, mesmo havendo aulas de catequese nas escolas.

A preocupação do Estado era formar um perfeito nobre que serviria aos interesses do Estado, minimizando os estudos do Latim em favor do ensino da língua portuguesa. A Reforma Pombalina mudou significativamente o sistema de ensino brasileiro, fragmentando-o e fazendo com que fosse seriado. Contudo, os professores eram mal preparados e os locais de realização das aulas não eram tão adequados para o melhor aprendizado.

1.5. Do Renascimento até o século XVIII

O Renascimento surge com o rompimento das tradições feudais, sendo impulsionado pelos burgueses e pelos ideais da razão e do homem, procurando distanciar-se do teocentrismo. O Renascimento foi um momento de muitas transformações e rupturas, a partir de ideias como o antropocentrismo, individualismo e racionalismo, confrontando com o tradicionalismo da Igreja que sempre esteve vigente. É neste momento que surgem as bases do conhecimento científico.

1.6. Da Revolução Francesa à atualidade

Com a passagem do feudalismo para o sistema capitalista, as relações de senhor e servo foram alteradas por outros meios de produção e trabalho assalariado. Visava-se o aumento da produção e, conseqüentemente, a geração de mais lucros usando da força de trabalho com baixo custo das classes menos favorecidas.

Ponce (1995) destaca que o papel da educação nesta época era formar “cidadãos do mundo”, mesmo diferenciando as classes pobres das ricas. Para as massas, a instrução não era necessária, mas apenas dominar uma leitura e escrita rudimentares e o restante do tempo era destinado ao trabalho manual. Para os ricos, o processo escolar começava cedo, pois almejavam “chegar mais longe”. O autor quando se refere a distinção entre pobres e ricos está

demarcando as diferenças de classe. Para ele a classe pobre se não estiver consciente de sua luta poderá, facilmente, ser manipulada pela elite dominante. Ao contrário, o autor deseja que trabalhadores lutem pelos seus direitos e que tenha acesso a educação para se tornarem verdadeiros “cidadãos do mundo” conscientes e emancipados.

O estudioso Condorcet (apud PONCE, 1995) deu uma enorme contribuição para o campo educacional, instalando a instrução pública com o fito de promover, pelo Estado, o básico da educação universal, iniciando o que conhecemos como escola laica. Propôs também a gratuidade do ensino primário e superior. Pestalozzi (apud PONCE, 1995), outro importante estudioso, tinha o foco na educação das crianças pobres, querendo que fossem potencializadas as forças espontâneas delas, usando sempre o empirismo intrínseco no universo infantil. Filangieri (apud PONCE, 1995) dizia que o agricultor e o ferreiro não precisam de uma instrução mais densa, só uma breve escolarização para aprender a conduta civil e os progressos de sua arte. A educação pública deveria ser universal, mas com diferenciação, sendo de acordo com as “circunstâncias e destino” de cada indivíduo.

A burguesia não tinha interesse em negar a instrução ao povo como na antiguidade e no feudalismo era negado, pois a evolução das máquinas gerou a necessidade de pessoas capacitadas para manuseá-las. Surgiu a diferenciação de trabalhadores não especializados, dedicados a trabalhos grosseiros e trabalhadores especializados, havendo maior instrução. O capitalismo gerou a importância dos operários altamente especializados, com uma cultura excepcional, incentivou, também, o trabalho científico em busca de novas técnicas para aumentar a produção e, assim, gerar mais lucro ao burguês. Foi assim que surgiram as escolas *politécnicas*, com o intuito de incentivar o estudo técnico em favor do capital.

Deste modo, como destacado neste capítulo, a educação vai se configurando ao longo da história da humanidade como uma preparação para o trabalho, sem perder de vista a exploração dos pobres pela nobreza. Neste sentido, a participação das famílias nesta formação nem sempre foi protagonista,

configurando-se conforme a posição social em que cada uma ocupava. A elite logo teve acesso à escola para formação de habilidades e conhecimentos em prol do fortalecimento do seu domínio sobre os mais “fracos”. Para eles, a formação integral era uma maneira de transferir a responsabilidade da família para a escola. Portanto, a família, seja elite ou proletariado, sempre delegou a educação escolar dos seus filhos a outrem. Primeiro ao mestre-escola ou ao escravo letrado e segundo à própria sorte, tendo em vista que nem sempre a escola foi um espaço democrático e de acesso a todos.

Ao contrário, a pobreza, sem acesso à Escola, recebeu um mínimo de formação de seus próprios familiares. Eram rudimentos de utilização da tecnologia e das artes para emprego no trabalho. Sendo assim, a educação deste grupo social era de responsabilidade exclusiva da família.

Portanto, as famílias do mundo ocidental não têm clareza de seu papel de educadores, transferindo essa responsabilidade para a escola e para os docentes, estejam eles dentro ou fora da escola. A atuação destes profissionais diz respeito ao trabalho escolar em que o ensino restringe-se a notas e, conseqüentemente, na aprovação em vestibulares. Não é do interesse deste docente a formação social e crítica dos aprendizes. Trata-se, enfim, de modo geral, de uma prática da pedagogia tradicional.

1.7. Educação na contemporaneidade

“Por que a escola prepara para a vida, em vez de ser a vida exercida no presente?” (MOSÉ, 2014, p. 47) É essa citação que pauta a nossa reflexão acerca da educação formal na contemporaneidade e como ela tem relação direta com o reforço extraescolar.

Uma primeira característica da educação atual é o largo acesso às informações e a tecnologia, tirando a grande carga de um importante detentor dos conhecimentos: o professor. Entretanto, este profissional não faz sentido para a família, tampouco para os estudantes. Eles afirmam que se sentem desmotivadas para frequentar a escola porque esta e os professores ficaram desinteressantes. A incerteza e o desinteresse se faz presente entre professores,

alunos e demais envolvidos nessa instituição. Como resultado, os educandos não obtêm o sucesso desejado pelos pais e enfrentam um quadro de fracasso escolar, fazendo uso de uma alternativa à esse problema: o reforço extraescolar.

A escola não deve ser uma mera transmissora de conceitos formulados ao longo da história da humanidade. Seu papel social e complexo é de articular-se com a sociedade dando base para que seus alunos tenham habilidades e competências para lidarem com as multiplicidades vividas no século XXI.

Assim como a sociedade, o conhecimento está em constante mudança, e com essa perspectiva, a escola tende a estar a todo o momento se atualizando, desde seu currículo até suas práticas pedagógicas, pois assim minimizará a evasão e o fracasso escolar. Não existe mais espaço para ações reprodutivistas e mecanizadas e perdeu-se o gosto por um ensino conteudista. O que se deseja agora é uma educação que possa ensinar os sujeitos e a sociedade a pensar, dialogar, voltar-se para o cotidiano e para a real necessidade.

O termo fracasso escolar remete à ideia de que temos, imediatamente, que pensar a respeito dos objetivos desse modelo escolar. O fracasso ocorre quando o aluno não cumpre as metas estabelecidas pelos padrões da escola. Mas que metas são essas? Elas ensejam apenas um currículo engessado no qual o aluno deverá se encaixar a essa norma, e caso isso não ocorra, ocorre o fracasso. Caso a família tenha condições financeiras, há a possibilidade de inserir seu filho no reforço extraescolar, quando não tem, o estudante estará fadado ao “fracasso”. Nestes termos, a escola acaba se reduzindo a cumprir metas – muitas vezes distantes do cotidiano dos alunos – não cumprindo o seu verdadeiro papel na formação integral do ser humano.

Com base nos quatro pilares do conhecimento sugeridos pelo Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, realizada no ano de 1999, a educação deverá conter quatro aprendizagens essenciais para a formação integral de um ser humano: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.*

Pensando em *aprender a conhecer*, logo nos remetemos aos saberes sistematizados e transmitidos em sala de aula. É importante destacar que, segundo o relatório,

o aumento dos saberes, que permite compreender melhor o ambiente sob os seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante a aquisição de autonomia na capacidade de discernir. (DELORS, 2001, p. 91).

Porém, considerar apenas o saber do conhecimento não é crucial para a formação integral do homem, pois o seu processo de aprendizagem e desenvolvimento mobiliza habilidades e atitudes formando o sujeito para além do conhecer.

O *aprender a fazer* sempre nos remete à formação técnico-profissional, pois se refere à capacidade de um indivíduo realizar determinadas atividades que sua profissão exige. Mas esse pilar é muito mais amplo do que uma simples realização de atividades fabris, mas pensada e entrelaçada aos conhecimentos para assim atingir sua qualidade de conhecimento técnico, seja em equipe e/ou individualmente.

Para Delors (2001), outro pilar essencial é o *aprender a viver juntos*, sendo considerado um desafio para a educação da atualidade. Valorizam-se nesse pilar as relações interpessoais e o compartilhamento de ideias e saberes. Entretanto, nem a escola nem os educadores de um modo geral (família, escola, comunidade, etc.) sabem viver juntos. A educação formal não pode restringir-se apenas aos conteúdos propostos nos currículos, ela tem sua missão de “transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana, e (...) levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta” (DELORS, 2001 p. 97).

Por fim, o quarto pilar da educação citado por Delors (2001), o *aprender a ser*, visa o “desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritualidade”

(DELORS, 2001 p.99); o qual nos remete à ideia de autonomia e de capacidade de pensamento crítico diante toda e qualquer situação que a vida vier lhe exigir. No reforço escolar, muitas vezes falta tempo para que essa capacidade seja trabalhada, visto que o foco está no conteúdo escolar e na recuperação deste, consequência da educação na própria escola regular, que por muitas vezes falha na formação de um ser crítico e autônomo, visando apenas o mérito alcançado pela obtenção de notas e aprovações. É importante que seja trabalhado no indivíduo suas potencialidades: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas e aptidão para comunicar-se (DELORS, 2001).

Finalmente, encerramos este capítulo que buscou demarcar a história da educação, principalmente no que diz respeito ao papel educador da família ao longo da história da educação. Desde a antiguidade, tem sido papel da família assumir o protagonismo na educação dos jovens. Entretanto, a escola sempre serviu de aparelho ideológico do Estado e substituta da família, estando, principalmente, sob a mira da Igreja e do próprio Estado para fins capitalistas. No próximo capítulo aprofundaremos sobre alguns conceitos constitutivos deste trabalho.

2. Educação, função social da escola e outros conceitos

Neste capítulo do trabalho serão abordados os conceitos de educação, função social da escola, processos de ensino e aprendizagem, e a caracterização dos termos reforço escolar, acompanhamento pedagógico e complemento escolar, todos extraescolares.

Antes de apresentar o conceito formal de educação, é importante ressaltar o que é educação propriamente dita. É entendido por educação os processos que geram uma mudança de comportamento (aprendizagem), podendo ocorrer em vários espaços, como família, Igreja e grupos sociais, por exemplo. Por meio dela são perpetuados costumes, crenças e valores da sociedade, sejam no âmbito da educação formal, não formal ou informal.

Para elucidar o tema central, iremos nos ater à educação *formal* dos sistemas de ensino. O trabalho desenvolvido ali é disseminado por um corpo docente e funcionários de diversas funções (secretários, diretores, bedéis, etc.). Sua função encontra-se regulamentada por lei, atendo-se aos seus princípios, sendo traçados a partir deles rumos e metodologias para assegurar a aprendizagem dos alunos. Não podemos nos esquecer de que a educação formal envolve conteúdos sistematizados historicamente, formando um arcabouço cultural e científico destinado aos sistemas de ensino. Segundo Brandão (2004), o ensino formal se organiza por meio da pedagogia formal (teoria da educação), fazendo uso de metodologias adequadas para alcançar os objetivos traçados desde o início da ação pedagógica.

A escola formal como conhecemos tem diversas funções sociais. Entretanto, analisaremos a questão do reforço escolar e suas vertentes seguindo as análises das teorias pedagógicas que serão abordadas a seguir. De acordo com Saviani (2008), a escola cumpre o papel de mediadora entre a vida cotidiana e o não cotidiano. Podemos identificar essa função com a finalidade de intermediar os aspectos vividos no dia a dia dos educandos com as questões educacionais e de conteúdo. A educação é um ato político envolto de ideologias das classes que a gere. Desse modo, é fundamental compreender as diversas

concepções de ensino para identificarmos quais os papéis da escola e o que os pais e alunos buscam nela.

Para isso, nos apoiaremos na análise das teorias da educação: teorias não críticas e teorias crítico-reprodutivas. Buscamos compreender o atual sistema de ensino e as razões que levam os pais a buscar o reforço escolar para seus filhos. De acordo com os estudos de Saviani (1989), a educação pode ser para a superação da marginalidade social ou para reforçar a si própria. Quando é entendida como superação, nomeia-se como *teorias crítico-reprodutivistas*, porém, quando a sociedade é inevitavelmente marcada por essa dominação, é entendida como *teorias não críticas*, ou *reprodutivistas*. A marginalidade é decorrente da dominação da classe burguesa sobre a classe dominada, no caso, o proletário que vende sua força de trabalho para o dono dos meios de produção. Quando a educação tem o papel de superação dessa marginalidade, ela é entendida como transformadora do homem e da sociedade, conduzindo-os à emancipação.

2.1. Reforço, acompanhamento e complemento escolar

Atualmente, a educação formal conta com diversos subsídios para superação do insucesso escolar. Comumente a família e a escola entendem que o reforço extraescolar é a alternativa viável para a superação do fracasso escolar por acreditarem que este recurso é capaz de complementar ou mesmo suprir as dificuldades de aprendizagem. Família, professores e escola nunca admitem que o fracasso possa estar além do aprendiz. Por conta disto, a família, principalmente as compostas por filhos estudantes da escola particular, tende a inserir seus filhos em acompanhamento extraescolar, pagando, para ensinar além do que se faz na escola particular em que estuda seu filho.

Deste modo, não entende que é dever da escola, pública ou particular, possibilitar o desenvolvimento estudantil de seus filhos. Por sua vez, a escola deste estudante também não se dá conta de que esta é a principal responsável pelo sucesso destes alunos, transferindo, também, essa responsabilidade para o reforço extraescolar.

De acordo com experiências de trabalho como professora de reforço e acompanhamento escolar, considero o termo *apoio extraescolar*, que é também entendido como *reforço escolar*, como quando os pais procuram um profissional da área em que o filho se encontra com dificuldades, como, por exemplo, em matemática. Trata-se de uma medida mais emergencial sempre utilizada às vésperas de avaliações escolares quando o professor não faz um trabalho longo e contínuo com o educando, como acreditam os pais.

Acompanhamento escolar é um trabalho mais detalhado e com um período de tempo mais longo. Nesse curso, o educando tem mais encontros com o profissional que vai focar nos conteúdos em que o aluno apresenta mais dificuldades, auxiliando-o em questões da rotina escolar assim como nas avaliações formais.

E, por fim, existe o *complemento escolar*, que é uma modalidade que não almeja tanto as questões atuais do aluno, mas a recuperação do que ele eventualmente deixou de aprender nas séries escolares passadas.

As três formas de auxílio extraescolar visam suprir ou complementar o trabalho escolar formal. Ao longo deste trabalho, iremos compreender o porquê dos pais procurarem essas formas de ensino. Trata-se se atividades que visam apenas a garantia de notas e sucesso escolar ou também a formação de um indivíduo crítico e ativo na sociedade?

2.2. O reforço escolar à luz das tendências pedagógicas

Para investigar o acompanhamento extraescolar primeiro devemos entender qual a concepção pedagógica que a família e a escola tomam como referencia. Sendo assim, pautando-se em Saviani (2008), apresentaremos algumas dessas concepções no intuito de aproximar o pensamento dos nossos entrevistados com as referidas concepções pedagógicas. A seguir, apresentaremos uma síntese destas tendências, aproximando-nos do nosso objeto de estudo.

Para entender as tendências pedagógicas, precisamos separá-las em duas correntes distintas: a hegemônica e a contra-hegemônica. A primeira aloca

a tendência pedagógica tradicional, a renovada progressivista, a renovada não diretiva e a tecnicista. No âmbito da segunda corrente encontram-se as tendências libertadora, a libertária e a crítico-social dos conteúdos.

As tendências pedagógicas hegemônicas

Para Saviani (2008), as tendências pedagógicas hegemônicas consideram a sociedade como uma engrenagem e a educação como redentora das diferenças e desigualdades sociais (de origem divina ou genética), a partir de uma visão acrítica do mundo e do homem. Neste sentido, a pedagogia, de base essencialista, valoriza a escola como uma instituição neutra e autônoma.

Para a *Pedagogia Tradicional*, segundo Saviani (1989), a escola é a responsável por transmitir o produto final do saber científico e universal. O aprendiz desta pedagogia é um sujeito sem conhecimento e isolado. A aula é ministrada por transmissão oral pelo professor, o centro do saber e das atenções. A avaliação neste contexto é tomada por lições, exercícios, cópias e fixação do conteúdo por parte dos alunos que aprendem mecanicamente, repetindo o que foi dito pelo professor. A aprendizagem é a capacidade de reter, guardar, memorizar, armazenar mecânica e passivamente a informação. A relação professor-aluno é vertical e autoritária reforçada pelo medo, a distância, a ordem rígida, de ambiente austero e silencioso. Este modelo de pedagogia, mesmo originária dos jesuítas, ainda perdura nas práticas de muitos professores.

A *Pedagogia Renovada Progressivista* tem em Dewey (FARIAS, 2011) o seu maior expoente e se caracteriza pelo pragmatismo. O aprendiz é reconhecido como o centro do processo de ensino e aprendizagem, e esta refere-se ao aprender fazendo, ou seja, aos métodos ativos e a resolução de situações-problemas. No âmbito do ensino, o professor é um mero facilitador da aprendizagem que, à luz da Didática, promove a curiosidade, a comunicação e a autoconfiança no aprendiz. A afetividade é o que movimenta as relações entre professor e alunos.

A *Pedagogia Renovada Não Diretiva*, pautada na “psicologização” do ensino, considera que a escola forma a personalidade, o autoconhecimento e a

realização pessoal do aprendiz pela afetividade; portanto, com a realização pessoal do aluno. Os conteúdos escolares passam a ter significação pessoal, indo ao encontro dos interesses e da motivação do aluno. Atividades de sensibilização, expressão e comunicação interpessoal acentuam-se nos trabalhos em grupo. Deste modo, aprender torna-se um ato interno e intransferível.

A *Pedagogia Tecnicista* recebeu forte herança do taylorismo, fordismo e do behaviorismo. A escola nesta tendência prepara o aprendiz, sujeito que recebe e fixa informações recorrentes de técnicas instrucionais, para o mercado de trabalho. A aprendizagem oriunda deste processo é individual, interna e intransferível. O ensino produzido nesta tendência está pautado numa didática que se reveste de estratégias de controle e diretivismo. Neste sentido, o professor é aquele que ocupa uma posição secundária. A prioridade é a técnica.

Como se percebe, tal conjunto de tendências pedagógicas hegemônicas ganham este nome por se constituírem de teorias não críticas ou liberais que compõem o bloco de tendências reformistas. Do ponto de vista do reforço extraescolar, podemos encontrar forte influência, pois todo o trabalho desenvolvido pelos explicadores (não são professores) se constitui num conjunto de características próprias desta pedagogia.

As tendências pedagógicas contra-hegemônicas

O segundo conjunto de tendências pedagógicas contra-hegemônicas compreendem as Pedagogias Libertária, Libertadora e Histórico-crítica. Contrárias ao pensamento positivista reacionário (hegemônico), para esta tendência a mudança é necessária, mas não realizável exclusivamente na escola, pois serão necessárias mudanças sociais profundas. Sobre isto, encontramos respaldo em Gramsci (1982), Makarenko (2005), Paulo Freire (1987, 1996), dentre outros.

Segundo Gasparin (2012), para este conjunto de tendências, a escola torna-se um espaço de luta possível, pois sua função social busca a instrumentalização das classes trabalhadoras com teorias e práticas essenciais à transformação da realidade. A sociedade, por seu turno, funda-se na igualdade

de direitos e oportunidades, na cooperação e na justiça social. Para tanto, é fundamental empreender reformas que aperfeiçoem o atual modelo social compartilhando a teoria crítica da sociedade e a concepção dialética da educação. Este conjunto de tendências são consideradas transformadoras e estão pautadas na Pedagogia da Existência.

A *Pedagogia Libertadora*, de base Freireana (FREIRE, 1987), visa fomentar consciência política e desalienar os oprimidos e explorados. A aprendizagem significa o desvelamento da realidade, é dialógica e horizontal. Neste sentido, esta pedagogia não foi pensada para o contexto da educação escolar, nem tampouco para o reforço extraescolar nos moldes do que apresentamos neste estudo. A didática utilizada nesta prática pedagógica valoriza a problematização da prática social através dos “círculos de cultura”.

A *Pedagogia Libertária* visa considerar e valorizar as experiências coletivas e democráticas de organização grupal e de autogestão pedagógica. Seus principais expoentes foram Gramsci e Makarenko. Aprender, para esta tendência, é dar respostas coletivas e organizadas, e cabe ao professor coordenar e orientar o grupo sem qualquer imposição. Não cremos que este modelo possibilite o desenvolvimento de uma prática de reforço para além do espaço escolar, tendo em vista que não cabe ao seu propósito.

Para Saviani (2008), a *Pedagogia Histórico-crítica* visa assegurar aos dominados a apropriação crítica do saber científico e universal. Para tanto, é preciso um novo projeto social pautado no sociointeracionismo. Aprender, neste modelo, é a capacidade de processar informações, de apropriar-se do saber, de construir conhecimentos sobre o real. E o ensinar cumpre a função de aproximar o que se sabe daquilo que se pode vir a conhecer. Para tanto, é preciso que o professor seja o mediador, o criador de condições para fomentar a zona de desenvolvimento proximal (VIGOTSKI, 2003). Sobre o professor, vale salientar que na relação entre alunos e conhecimento ele é um personagem insubstituível, tendo em vista seu papel de ser o mediador do processo de aprendizagem. Sua autoridade educativa se dá pelos seus diversos saberes.

Como se percebe, trata-se de um conjunto de tendências pedagógicas forjadas na luta de classes pautada em um processo complexo ainda em construção e que demanda a participação de todos os educadores e estudiosos da educação. Do ponto de vista do reforço extraescolar, não há sentido em tal procedimento, tendo em vista que a escola para este conjunto de tendências é autossuficiente e corresponsável pela conscientização e emancipação do homem crítico.

2.3. Ensino e aprendizagem

Para compreendermos melhor a questão do reforço escolar, é necessário elucidar os conceitos de ensino e aprendizagem.

A intencionalidade do ensino perpassa toda ação do professor e como ele irá bordar os conteúdos do programa fixado no início do ano. É importante que tenhamos a compreensão do ensino enquanto

um processo intencional, sistemático e flexível, que visa à obtenção de determinados resultados (conhecimentos, habilidades, atitudes etc.). A intencionalidade educativa está presente no processo de ensino e é indicativa das concepções de quem a propões. Os professores devem ter clareza dos objetivos que pretendem atingir com seu trabalho. (VEIGA, 2007, p. 21).

Ensinar é um ato que envolve interação e compartilhamento entre os envolvidos, seja entre professor-aluno, aluno-professor e até mesmo aluno-aluno. É com o diálogo, com as trocas de experiências e com esse intercâmbio que o ensino acontecerá de forma eficaz. No ensino colaborativo, a afetividade se faz presente nessa ação, pois quando está disposto a ensinar, está também disposto a compreender o outro como destaca Tardif apud Veiga (2007). Para ensinar, deve-se fazer um *planejamento* e contar com uma *metodologia* adequada à situação. Com comprometimento, o professor trabalha de forma dialogada e efetiva todo o conteúdo estabelecido desde o início do ano.

O ensino é, portanto, uma prática social, pois está imersa em um contexto social no qual deverá se pautar para prosseguir com o foco nos objetivos

traçados. Deverá desenvolver nos educandos uma consciência crítica e mobilizadora por meio do diálogo, desenvolvendo todas as potencialidades de uma pessoa, sendo um sujeito social e ativo em seu processo escolar e de formação.

A outra face da educação é a aprendizagem, que tem como características fundamentais a busca da autoaprendizagem, sendo o aluno ativo no seu processo de aprendizagem. Para promover a aprendizagem com qualidade e a construção de novos conceitos, é necessário que se considere e utilize as experiências anteriores dos educandos.

Atualmente, ainda encontramos alguns traços da educação tradicional, com a transmissão mecanizada dos conceitos, imitação, reprodução e memorização, onde o que realmente vale é a “decoreba”, deixando de lado o real aprendizado, aquele que emancipa o homem, tornando-o mais ativo na sociedade e no seu próprio processo de aprendizagem ao longo de sua vida. O professor tem seu papel de mediador, não de detentor dos conhecimentos sistematizados, ele é o organizador do ambiente para que este seja propício para a aprendizagem eficaz.

O ambiente da sala de aula, segundo Tardif e Lessard apud Romanowski (2007) contém os seguintes traços: multiplicidade, imediatez, rapidez, imprevisibilidade e historicidade. A multiplicidade refere-se aos múltiplos eventos que ocorrem durante uma aula. Ao mesmo tempo em que o professor está trabalhando um conteúdo, algumas crianças podem estar conversando, pegando algum material ou, até mesmo, dando exemplos que não estão no contexto. Neste sentido, o professor deve estar atento para saber lidar com essas situações.

A imediatez está atrelada à duração da aula, sendo que em pouco tempo (50 minutos), o professor, em conjunto com a turma, cumpre o cronograma, mas vale ressaltar que nem sempre é feito como o previsto, podendo haver algumas adequações, o que nos remete à imprevisibilidade, que são eventos que não foram “programados” no plano de aula.

A historicidade está elencada à ideia da relação professor-aluno. É cediço que cada aluno tem sua história e seu contexto, assim como sua linguagem e cultura. Para um trabalho mais articulado e próximo à cultura dos educandos, o professor deve saber como lidar com as diversidades encontradas no ambiente escolar.

Como já dito anteriormente, para um bom desempenho e uma boa qualidade na aula, a experiência deve ser tomada como ponto de partida, pois aproxima o conteúdo sistematizado à vivência do educando, possibilitando uma maior elaboração das capacidades cognitivas do aprendiz e fazendo com que o conteúdo tenha um maior significado, não assumindo essa configuração mecânica.

Cada aluno aprende de uma forma específica, significa e ressignifica conceitos à sua maneira, exigindo estratégias de aprendizagem adequadas. Para promover a aprendizagem, o professor deve levar em consideração a diversidade dos alunos, fazendo o uso de várias metodologias didáticas. Com isso, Meirieu apud Romanowski, (2007), considera alguns passos para a organização da aula, como a dedução, indução, dialetização e divergência.

A dedução consiste na atividade relacionada à experiência dos educandos e a partir deste ponto organizar um esquema usando os conceitos propostos. Na indução, serão trabalhados os dados coletados no primeiro momento, oferecendo novas possibilidades de resolução dos eventuais problemas. No momento em que serão analisadas as variáveis, serão oportunas as interpretações e confrontos acerca do mesmo tema, a qual será a parte de dialetizar. E, por fim, são incluídas as dúvidas e questões para os alunos buscarem soluções e assim associarem o novo conteúdo.

Nessa ideia, os educandos começam a tomar consciência dos próprios processos de aprendizagem (ROMANOWSKI, 2007), caminhando em direção à autonomia. Nesse quesito, o reforço escolar tem a possibilidade de individualmente trabalhar as capacidades e potencialidades do educando, na medida em que ele estará com mais contato com suas dificuldades escolares.

Concluído o capítulo, entendemos ter explicitado ao leitor nossa compreensão de acompanhamento pedagógico e suas várias vertentes e significados. No próximo capítulo, finalmente, mergulharemos na empiria, com fins de responder ao objetivo inicial e concluir o trabalho que ora realizamos.

3. O acompanhamento pedagógico extraescolar: a empiria

Iniciamos a pesquisa no ano de 2013 pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação – PIBITI, financiada pelo CNPq e coordenada pela professora Otília Dantas. A origem desta pesquisa inclusive provém das minhas experiências de trabalho desde 2010, que me trouxeram essa inquietação sobre o tema trabalhado.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada com 4 estudantes que frequentam o reforço extraescolar, 5 pais desses alunos e 3 professores, atuantes na escola regular em que aqueles estão matriculados. Para tanto, aplicamos 3 questionários (Anexos B, C e D) diferentes e fizemos a análise dos discursos.

Os colaboradores iniciais foram um pequeno grupo de alunos de uma determinada escola de acompanhamento pedagógico do DF. No questionário 1 (Anexo D), buscamos saber do estudante o que ele mais gosta de aprender e o que tem dificuldade, dentre outras questões. Aos pais/responsáveis questionou-se (Anexo C) por que optaram pelo acompanhamento pedagógico extraescolar e qual a importância do reforço escolar. Aos professores (Anexo B) inquiriu-se sua compreensão sobre ensino, aprendizagem e se há uma diferença no desempenho do aluno que frequenta aula de reforço.

3.1. Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Na pesquisa, contamos com cinco pais, dos quais 60% são do sexo feminino e 40% masculino, com a média de idade entre 35 a 50 anos. A formação acadêmica deles compreende o ensino médio e o ensino superior, com profissionais autônomos e funcionários públicos. Os pais são residentes das proximidades do Plano Piloto, o que geograficamente demonstra certo poder aquisitivo.

Os alunos têm entre 9 e 14 anos, estudam em escolas particulares, 50% do gênero feminino e 50% masculino, estão no Ensino Fundamental e frequentam o acompanhamento pedagógico, visto que estão há um longo prazo

fazendo parte do processo escolar como um todo, se diferenciando do reforço escolar, que tem característica mais imediata e emergencial.

Os professores da escola dos alunos da pesquisa, possuem idade entre 30 a 50 anos, todos do gênero feminino, o que reforça a ideia da preferência feminina pela docência, todas pedagogas e atuantes em diversos espaços nas escolas: sala de aula, ensino religioso, psicopedagogia, adaptação curricular e secretaria da escola; contando com uma larga experiência na docência.

3.2. Análise dos questionários

Quando tratamos da *importância da escola* para os familiares dos alunos demonstram que o papel da escola é muito importante para a promoção aprendizagem completa dos filhos, atrelado à questão social, intelectual e da formação integral de seus filhos, como demonstra o entrevistado 03:

a escola é de fundamental importância no processo de aprendizagem do ser humano, como indivíduo complexo e em constante desenvolvimento (Familiar 3).

Pensamento que podemos encontrar nos *quatro pilares da educação*, de Delors (2001, p. 90), onde é proposto que a educação

deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens, fundamentais que, ao longo de toda vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes.

Com isso, os pais não estão negando o papel deles como educadores dos seus filhos e muito menos do professor da escola regular, simplesmente transferindo responsabilidades para o acompanhamento; eles se mostram preocupados com todo o processo escolar dos filhos, não sendo ausentes à formação destes e unicamente em busca de sanar as eventuais dúvidas dos seus filhos no que se refere a notas e processos seletivos (provas e vestibulares).

Em relação à *aprendizagem dos seus filhos*, os familiares compreendem que a escola faz o papel dela no processo de formação de seus filhos, porém por diversas vezes, por falta de tempo deles próprios, acabam optando pelo acompanhamento escolar para suprir esta ausência e também para que seus filhos não se prejudiquem no seu desempenho escolar. Ideologicamente a escola cumpre a função de promover a igualdade de oportunidades para todos em prol de um futuro promissor. Entretanto, Mészáros (2008) nos adverte que a educação não deve servir estritamente para qualificar o homem para o mercado de trabalho e, sim, para a vida.

Os familiares 1 e 2, respectivamente, que nos remete a essas questões:

O colégio onde ela estudando é muito puxado e tenho dificuldades e falta de tempo para ensiná-la (Familiar 1);
Para que tenhamos um país melhor e com menos desigualdades sociais, procuro investir nos estudos da minha filha para que ela no futuro seja uma cidadã cada vez melhor (Familiar 2).

Para os familiares, a aprendizagem não se configura como produto ou resultado, é compreendido como um *processo* e que nele participam em conjunto a escola, família e o acompanhamento escolar. São pais preocupados com a educação de seus filhos, desmistificando a ideia de que estes apenas transferem sua função para terceiros.

Em um discurso, encontramos a ideia de que o aluno tem falta de interesse no que é trabalhado na escola, o que nos leva ao pensamento de que a educação escolar, em alguns momentos, com características tradicionais, está distante do cotidiano dos alunos, mecanizada, não partindo das experiências dos educandos e sem a reflexão crítica dos conteúdos, como foi observado no discurso do familiar 5:

A aprendizagem do meu filho nem sempre é efetiva. Em algumas situações por falta de interesse e atenção por parte dele. Em outras, por falta de eficiência do professor e dos métodos utilizados pela escola (Familiar 5).

Para os familiares, o reforço e o acompanhamento escolar são importantes não apenas para a formação integral de seus filhos, mas há o entendimento de que esse curso extraescolar auxilia nas dificuldades de aprendizagem de seus filhos, pois sana as suas dúvidas e atua como complementação as aprendizagens oportunizadas na escola. Geralmente os familiares procuram o acompanhamento extraescolar pela falta de tempo em acompanhá-los, não sendo algo temporário, pois como pais, sentem-se ausentes do cotidiano escolar dos seus filhos e, assim, preocupados com a educação deles, fazem o uso desses acompanhamentos pedagógicos que servem para ajudar a criança a superar suas dificuldades escolares, tornando os conteúdos mais interessantes e atrativos aos alunos.

Pelos discursos dos pais, podemos entender que eles procuram o *acompanhamento pedagógico*, por ter o caráter preventivo, de longo prazo, processual e de auxílio nas suas dificuldades escolares:

O reforço ajuda o aluno a fixar o conteúdo trabalhado na escola e cria o hábito diário de estudo (Familiar 5).

O reforço escolar é fundamental quando o aluno começa a ir mal na escola apresentando um indicador na alteração do ritmo de aprendizagem. Procurando ajuda com aulas de reforço, pois o acompanhamento pedagógico só assume um caráter mais preventivo do que curativo (Familiar 4).

Procurando saber os reais *motivos que os levaram a procurar o acompanhamento ou reforço escolar*, os pais convergem na questão da falta de tempo, na assistência na aprendizagem dos seus filhos e para sanar as dificuldades:

Tenho que trabalhar e não consigo ensinar a minha filha, porque sou pai e mãe, e por isso tive que buscar ajuda. Mas o desenvolvimento dela tem sido muito importante porque ela consegue tirar as suas dúvidas (Familiar 1).

Ela estava tendo em algumas disciplinas, dificuldade de aprendizagem, e também por falta de tempo da minha parte para poder ajudá-la (Familiar 2).

Com isso, o *acompanhamento escolar* configura-se em um trabalho em conjunto com a escola e família, buscando, com um trabalho mais longo e detalhado, a formação integral do educando (autônomo, com hábito de estudo, emancipado e com pensamento reflexivo crítico) e na superação de suas eventuais dificuldades escolares.

Sendo um reflexo da família, os filhos têm a mesma visão sobre a *importância da escola*, revelando que os pais estão presentes no processo educacional e de formação de seus filhos, exercendo uma grande influência no cotidiano escolar dos educandos e cumprindo seu papel, haja vista que o discurso dos seus filhos está de acordo com o seu:

São fundamentais para um maior desenvolvimento além de ser um reconhecimento de quem é e das pessoas que nos cercam. (Filho 3).

Fundamental importância no processo de aprendizagem do ser humano, como indivíduo complexo e em constante desenvolvimento (Familiar 3).

As crianças entrevistadas demonstram maior dificuldade em *matemática e português*, fazendo com que elas buscassem o acompanhamento escolar. Portanto, nos leva a questionar, caso essa dificuldade fosse em outras matérias, como artes ou filosofia, elas iriam em busca desse apoio extraescolar? Ou é dado maior importância à *matemática e ao português*?

Seguindo o pensamento dos pais, os filhos têm a mesma ideia quando questionamos sobre *o porquê está no reforço ou acompanhamento escolar*, dirigindo-se à questão da falta de tempo dos pais, por ter dificuldades em certas matérias e por não darem conta de estudarem sozinhos, denotando que o acompanhamento escolar não tem apenas o papel de acompanhar nas atividades escolares diárias dos alunos, mas conta com a superação das dificuldades escolares almejando sua melhoria na escola regular. Como uma própria criança respondeu,

Porque a minha mãe não tem tempo de me ensinar. Que eu mais gosto no reforço é porque eu entendo o que eu não sei. (Filho 1).

Questionadas sobre sua *visão sobre o ensino*, as professoras têm pontos de vista variados. A Professora 1 se diz ser “construtivista sociointeracionista”:

Tenho como princípio orientador para a minha prática pedagógica a concepção construtivista sociointeracionista, onde o conhecimento é uma construção individual, resultantes das experiências dos alunos em suas relações com o mundo que o cerca. Para isso, é necessário que o professor exerça o facilitador, mediador do processo ensino-aprendizagem (Professora 1).

Nesse sentido, a criança demonstra ser ativa no seu processo de aprendizagem, sendo que o *acompanhamento escolar* é trabalhado para que ela alcance sua autonomia ativa. Por esse motivo, o familiar 1 diz que a escola é “puxada”, pois a professora atua na perspectiva de que o professor é facilitador e que os conhecimentos são resultantes da experiência do educando, com isso, a escola tem mais atividades e tarefas para a criança, para criar nela esse condição de sujeito ativo no sentido de cumprimento de tarefas.

A Professora 2 tem o pensamento de que a educação tem o papel transformador e acredita em um ensino que promova a igualdade de oportunidades entre os seres humanos, contando com as práticas mais estimulantes dos professores. Caráter que vai ao encontro com a ideia de Paulo Freire (1977, p. 50):

Os homens, pelo contrário, ao terem consciência de sua atividade e do mundo em que estão, ao atuarem em função de finalidades que propõem e se propõem, ao terem o ponto de decisão de sua busca em si e em suas relações com mundo, e com os outros, ao impregnarem o mundo de sua presença criadora através da transformação que realizam nele, na medida em que dele pode separar-se e, separando-se, podem com ele ficar, os homens, ao contrário do animal, não somente vivem, mas existem, e sua existência é histórica.

Diferentemente das outras professoras, a Professora 3 tem um discurso a respeito do *ensino* em que se diz pertencer à “linha tradicionalista”, mas para cumprir com as exigências da escola, tem que atuar de acordo com o “construtivismo sociointeracionista”. Entretanto, desconfio que ela não demonstra

conhecer esta proposta pedagógica tendo em vista que ela não se vê como parte desse processo, dificultando a aprendizagem dos alunos.

Sobre a *aprendizagem*, a Professora 1 tem seu foco nas “teorias de Piaget”, onde existe a interação entre o sujeito (aluno) e o objeto (conhecimento) anteriormente citado por Romanowski (2007), atuando como estimuladora no processo de aprendizagem dos seus alunos. Ainda sobre a *aprendizagem*, encontramos a valorização de conteúdos significativos e com o crescimento do campo cognitivo. Em relação a isso, Piaget (apud ROMANOWSKI, 2007, p. 116) trata que é necessário primeiro “o desenvolvimento das funções psicológicas, das condições biológicas e dos esquemas cognitivos” para haver a aprendizagem.

Quando questionamos sobre o *reforço e acompanhamento escolar*, encontramos discursos que valorizadores dessa prática, onde o papel, segundo as professoras, de “superar as dificuldades momentâneas, de pré-requisito ou emocionais” (Professora 01), também entendem o papel colaborativo entre o reforço, família, escola e professor, viabilizando a aprendizagem. As docentes compreendem que é importante para os alunos adquirirem novos conhecimentos, e que, assim, irão ter resultados positivos em sala de aula. Porém, em uma resposta, encontramos uma das professoras entrevistadas se eximindo da responsabilidade sobre os resultados negativos dos alunos, destacando que o papel dessa aprendizagem é exclusivamente da família e do aluno e que se uma dessas partes falhar, não terá êxito na escola. De acordo com esse pensamento:

É superimportante esse acompanhamento. Em geral os alunos tendem a ganhar novos conhecimentos e esse resultado caracteriza estímulos positivos. Em suma, os alunos, coerentes em suas respostas (Professora 2).

Dessa forma, com a análise empírica, compreendemos que o papel do professor do reforço e acompanhamento escolar é de extrema importância na construção dos conteúdos sistematizados e também na formação integral dos seus alunos. Vale ressaltar que existe a procura por esses cursos não apenas

para sanar suas dificuldades na escola, observamos que existe a preocupação com o desenvolvimento do aluno e seu estímulo para ser ativo e participante do seu processo escolar. Em parceria com a escola, professores, família e educando, o acompanhamento escolar é enriquecedor na integração dos saberes e crescimento dos alunos.

Encerramos o capítulo com o sentimento de dever cumprido e do doce sentimento de que não há necessidade de se apedrejar o acompanhamento escolar pelo trabalho desenvolvido ali. Entretanto, é preciso entender que este tipo de trabalho pedagógico não deve servir como reforçador ou “escada” para se alcançar prestígio meteórico e interesseiro, mas um trabalho importante de acompanhamento das aprendizagens do aprendiz na busca pelo saber que é local, global, mas emancipador, como deseja Paulo Freire (1996).

Considerações finais

A pesquisa foi realizada com a finalidade de compreender os motivos que levam os pais a procurarem apoio extraescolar, seja no reforço ou no acompanhamento escolar. Compreendemos que os pais não procuram apenas com o intuito de melhoria nas notas, pensamento que ao longo do trabalho foi desconstruído. Eles têm a preocupação com o desempenho escolar dos seus filhos, sentem-se parte do processo do desenvolvimento deles e contam com a parceria da escola e acompanhamento extraescolar conforme destacam em seus discursos. É cediço que o processo de formação do aluno não depende unicamente da escola: a tríade família-aluno-escola deve ter papel de destaque na mediação entre aluno e sociedade.

Os estudos demonstram que, no decorrer da história, as famílias nem sempre foram protagonistas na educação de seus filhos. Geralmente, esse papel sempre foi da Igreja ou do Estado. Pode-se concluir que as famílias atualmente reconhecem seu papel de educadoras, mostram-se preocupadas e atentas à educação de seus filhos, visando à formação global do ser humano, envolvendo a questão do trabalho, vivências, conhecimentos e personalidade.

O professor do acompanhamento escolar tem o papel de trabalhar os conteúdos da escola – em consoante com a metodologia adotada pelos professores e também aplicando outras metodologias, almejando a aprendizagem dos educandos – na formação dos seus alunos, conforme os *quatro pilares da educação*, proposto por Delors (2001), onde são agregados a cultura geral com os conhecimentos sistematizados, fornecendo aos alunos a capacidade de lidar com as diversas situações encontradas no cotidiano, sejam elas escolares ou extraescolares. Desenvolve a “compreensão do outro e a percepção das interdependências” (DELORS, 2001), assim como incentivo de suas potencialidades e habilidades.

Este professor que faz acompanhamento pedagógico extraescolar tem um novo e importante papel: ajudar ao aluno a compreender e organizar a cultura escolar, além de ser um facilitador, não sendo apenas um detentor de

conhecimento (como uma enciclopédia). Ele tem a função de inquietar seus alunos e inculcando neles a sede pelo conhecimento, em paralelo com a obtenção da autonomia, consciência e reflexão crítica sobre do mundo que os cerca numa perspectiva Freireana da educação.

Perspectivas profissionais

O curso de Pedagogia e esta pesquisa me fizeram refletir sobre minha profissão e sobre o que pretendo realizar como uma profissional comprometida com a pedagogia e a formação do sujeito emancipado e autônomo, tomando o acompanhamento escolar como uma alternativa de superação das dificuldades de aprendizagem.

Minha formação inicial, agora concluída, penso para o futuro breve continuar minha formação profissional investindo no mestrado e doutorado em educação no intuito de aprofundar os estudos iniciados neste trabalho de conclusão de curso. Não quero deixar de lado minha atuação no acompanhamento escolar, mas almejo praticar a docência em sala de aula para poder contribuir com esse espaço e crescer pessoalmente e profissionalmente.

Referências bibliográficas

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- CUNHA, Maria Isabel da. A relação professor-aluno. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Coord.). **Repensando a didática**. 25. ed. Campinas, SP: Papirus, 2004. (Coleção magistério: formação e trabalho pedagógico). p. 149-159.
- DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 5ª ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2001.
- FARIAS, Isabel Maria S. de. et al. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. Brasília: Liber livro, 2011, p. 31-52.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa**. 36ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Saberes).
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 4. ed. Tradução de Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- MAKARENKO, A. **Poema Pedagógico**. Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Editora 34, 2005.
- MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Bontempo, 2008.
- MOSÉ, Viviane. A escola e os desafios contemporâneos. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- PONCE, Aníbal. **Educação e Luta de Classes**. 14ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- PRESTES, Zoia. **Quando não é quase a mesma coisa**: traduções de Lev Semiovitch Vigotski. São Paulo: Autores Associados, 2012.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

ROMANOWSKI, Joana Paulin. Aprender: uma ação interativa. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Lições de Didática**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

_____. **Pedagogia histórico-crítica**. 10. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção Educação Contemporânea).

_____. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 3. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. (Coleção Memória da Educação).

SILVA, Lauraci D. da; POLENZ, Tamara (orgs). **Educação e contemporaneidade: mudança de paradigma na ação formadora da universidade**. Canoas: ULBRAS, 2002. p. 15-21.

VEIGA, Ilma Passos. Ensinar: uma atividade complexa e laboriosa. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Lições de Didática**. 2. Ed. Campinas: Papirus, 2007.

VIGOTSKI, L. S. A psicologia e o professor. In: **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ANEXOS

ANEXO A – Autorização da entrevista**Universidade de Brasília - UnB
Autorização da entrevista**

A aluna de Pedagogia, Thaís Pessoa Ramos, matrícula 10/0021085, faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI). Na sua pesquisa vem procurar compreender os processos de ensino e aprendizagem e como isso se configura no reforço escolar. Conta com a orientação da professora Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas – docente da Universidade de Brasília/Faculdade de Educação/MTC, e-mail: otiliadantas@unb.br – para desenvolver seu projeto acadêmico e de pesquisa.

Por meio dessa autorização você irá contribuir para o desenvolvimento da pesquisa. Será assegurado o anonimato dos nomes dos entrevistados, dos filhos e da escola envolvida.

Obrigada pela sua colaboração!

Assinatura da pesquisadora.

Assinatura do (a) entrevistado (a).

ANEXO B – Entrevista com os pais e responsáveis



Universidade de Brasília - UnB

Aluna: Thaís Pessoa Ramos

Orientadora: Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas

Entrevista com os pais e responsáveis

- 1) Idade do (a) pai ou mãe:

- 2) Formação profissional:

- 3) Formação acadêmica:

- 4) Endereço:

- 5) Escola do filho, sexo série e idade:

- 6) Qual o seu pensamento sobre:
 - a. A importância da escola:

 - b. A aprendizagem do seu (sua) filho (a):

 - c. O reforço escolar ou acompanhamento pedagógico do (a) filho (a):

- 7) Quais motivos os levaram a procurar acompanhamento pedagógico ou reforço escolar fora da escola?

ANEXO C – Entrevista com o(a) professor(a)



Universidade de Brasília - UnB

Aluna: Thaís Pessoa Ramos

Orientadora: Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas

Entrevista com o(a) professor(a).

- 1) Idade e sexo:

- 2) Formação profissional:

- 3) Formação acadêmica:

- 4) Endereço:

- 5) Sua visão sobre o ensino:

- 6) Sua visão sobre a aprendizagem dos seus alunos:

- 7) Como se configura o desempenho dos alunos que fazem acompanhamento pedagógico fora da escola? Você considera esse tipo de acompanhamento importante?

ANEXO D – Entrevista com o(a) aluno(a)



Universidade de Brasília - UnB

Aluna: Thaís Pessoa Ramos

Orientadora: Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas

Entrevista com o (a) aluno (a).

- 1) Tempo que frequenta reforço escolar ou acompanhamento pedagógico:

- 2) Qual sua visão da escola e dos estudos?

- 3) O que você mais gosta de aprender e o que mais tem dificuldades? Por quê?

- 4) Por que você está no reforço escolar ou no acompanhamento pedagógico? O que mais gosta e o que menos gosta no reforço/acompanhamento?